

A MULHER BRASILEIRA UMA VISÃO ATRAVÉS DA LINGUAGEM

Eliane Vasconcellos Leitão
UFRJ e Fundação Casa de Rui Barbosa

A narrativa bíblica da criação da mulher a partir de uma costela de Adão é a responsável pela mais antiga queixa feminina contra a sociedade patriarcal. Até hoje, o mito da natural dependência do segundo sexo em relação ao homem tem se perpetuado. Entretanto, sabemos que cada cultura oferece à mulher uma visão dela mesma, um estereótipo.

A posição da mulher na sociedade tem sido estudada por vários ângulos: legal, histórico, social, psicológico, etc. Achamos, então, que uma abordagem lingüística se faria necessária. Assim, pretendemos estudar o que o uso da língua nos mostra sobre a desigualdade dos papéis masculinos e femininos em nossa sociedade.

A fim de atingirmos esse objetivo, nos deteremos no léxico usado no Rio de Janeiro em 1978-1979. Escolhemos esta cidade, pois ela pode servir como um dos parâmetros brasileiros, por ter sido a capital do país durante longo tempo, e, ainda, por se manter como uma das suas capitais culturais. Além disso, ela tem a seu favor outros fatores: é uma área sócio-econômica desenvolvida e um grande centro de intercâmbio e de convergência. Para a obtenção das características dessa linguagem foi utilizado o trabalho de campo, elaborado em duas fases: oral e escrita. Na primeira, a pesquisa direta, feita através da conversão dirigida, de observação de telenovelas, de filmes nacionais, de peças teatrais e de pessoas; na última, a pesquisa indireta pela aplicação de questionários. Os informantes deveriam ter o primeiro grau completo e estarem na faixa de dezoito a cinquenta anos. Foi escolhida esta faixa etária porque engloba pessoas consideradas adultas, emancipadas e não ve-

lhas. Usando esses dois procedimentos, fenômenos surgidos na pesquisa oral foram observados na pesquisa escrita, e o quadro tornou-se completo dentro do limite da pesquisa.

ESTEREÓTIPO FEMININO – DESUMANIZAÇÃO DA MULHER

Mulher como objeto

Uma forma de desvalorização dada à mulher por nossa cultura encontra-se na ênfase dada à aparência física em detrimento da capacidade intelectual. Basta ser bonita para ter um lugar assegurado dentro da sociedade, que a estereotipa como sendo aquele ente que não precisa ser culto, nem inteligente, e até mesmo, em alguns casos, estes predicados assustam o homem.

Ser feminina significa mostrar-se passiva, fútil, meiga, submissa, carinhosa, etc. A mulher, assim, deve apenas ter a preocupação de enfeitar-se, embonecar-se. Qualquer tentativa de afirmação depõe contra a sua feminilidade e frases do tipo: *Ela é burrinha, mas engraçadinha do jeito que homem gosta* ou então, comentários como: "Você é bonita demais para ter tanto talento" mostram nitidamente a importância que a nossa cultura dá à aparência física da mulher em oposição à sua capacidade intelectual.

Na vida do homem o aspecto físico não é relevante, mas apenas um atrativo a mais, porque sua capacidade intelectual e sexual é que é valorizada. Se for feio, mas inteligente, não terá nenhum problema, mas pobre da mulher que se encontrar na mesma situação. Pois "mulher feia não dá palpite", "mulher feia é como sucata, não tem lugar no mercado". E a análise das expressões burro/burra, gordo/gorda, usadas para ambos os sexos, revela esta desigualdade de valores. Se dissermos a uma mulher: — *Você é burra*, ela poderá não gostar, mas provavelmente não se ofenderá e nem ficará amolada. Entretanto, se substituirmos a palavra *burra*, na sentença acima, por *gorda*, indubitavelmente ela ficará bastante aborrecida e, em algumas situações, poderá até melindrar-se. Mas, quando estes dois adjetivos são usados em relação ao homem, as reações invertem-se. Ele não gosta de ser chamado de *burro* e não dá nenhuma importância ao fato de ser chamado de *gordo*. Por

outro lado, quando queremos agradar a uma mulher basta usarmos uma lexia cujo sema básico seja [+ bonita]. Atingiremos nosso objetivo se a chamarmos de **linda, bonita, gata, bonitona, belezinha**, etc. Se, da mesma forma, o falante quiser elogiar um homem, é suficiente que o chame de **inteligente** ou que elogia sua capacidade sexual (cf. **viril, machão, gostosão, bom de cama**).

Como observamos, a **gordura** é uma característica negativa para as mulheres e a seu lado encontramos a **velhice** e a **feiúra**. Só a mulher mais idosa pode ser chamada de **gorda** ou de **velha**, sem que isso a ofenda. Tal fato ocorre porque ela já está fora da competição sentimental. Estas palavras terão, então, uma conotação afetiva. É comum ouvirmos expressões do tipo: **minha velha, minha coroa, minha gordinha querida** usadas para a própria mãe ou para uma tia mais velha.

A sociedade a todo tempo lança protótipos de beleza. A mulher mais velha vai sendo classificada de **bagulho, sucata, traste, coroa**, etc. Por esta razão teme envelhecer, e, se já não é mais jovem, faz tudo para aparentar que o é. Pinta os cabelos assim que os primeiros fios brancos aparecem e esconde como pode a sua idade. Não lhe é permitido envelhecer, pois logo ouvirá observações do tipo: **Pensa no teu marido; Você está se descuidando, assim ele arranja outra**. Enquanto a mulher preocupa-se em descobrir o elixir da eterna juventude, o homem envelhece com dignidade. A ele é permitido cobrir-se de rugas, tornar-se careca e ter cabelos brancos (cf. **cabelo branco em homem é charme**), porque o seu lugar na sociedade não está subordinado à aparência física.

O número de palavras existentes em português para denotar a aparência física da mulher, é, sem dúvida, muito maior do que as usadas em relação ao homem. Porque o relacionamento entre masculinidade e beleza não é um traço marcante dentro de nossa cultura. A beleza é uma característica imprescindível à mulher, da mesma forma que a coragem o é ao homem, e o ditado popular "Mulher bonita e homem valentão tem muita atração" mostra-nos este conceito. Mulher, então, tem de ser: **bonita, linda, gostosa, atraente, boazuda, gracinha, pantera**, etc.

Tirando os adjetivos **bonito e lindo**, os demais raramente são usados para os homens.

Há ainda termos elogiosos e insultantes empregados quase exclusivamente pelos homens em relação às mulheres. Expressões do tipo **você é uma uva, você é um doce, você é um bombozinho, você é uma coisinha, você é uma gracinha, você é fofinha** revelam o efeito tátil (você é fofinha); visual (você é uma gracinha) e gustativo (você é uma uva) que a mulher em questão causou ao homem. As implicações existentes ao chamá-la de **uva, bombozinho** ou qualquer outro elogio deste tipo mostram que a mulher provocou no homem um prazer similar ao de **comer uma uva, um bombom**, ou seja, de **comer uma coisa**. Assim sendo, aquela que merece tal tipo de elogio é uma **coisa** que deve ser comida. Logo, para o homem, a mulher é vista não como um ser humano, mas sim, como um **objeto comível**, e, portanto, um objeto sexual, uma vez que **comer**, usado por eles, significa manter relações sexuais.

A conotação existente nesses elogios ou insultos usados pelo homem revela uma gradação de prazer ou desprazer que a mulher em evidência produz, não se levando em conta qualquer outra qualidade, como por exemplo, a inteligência. Esta atitude masculina de só considerar a mulher como um objeto que tem de ser bonito, desejável, evidencia-se nas expressões usadas pelos homens para aquelas que lhes causam efeito visual, tátil e gustativo desagradável, então são comparadas a **bofe, bacalhau, abóbora bichada, bucho, canhão, dragão, repolho, chuchu podre**.

A nossa língua mostra claramente que para ser mulher é necessário ser membro de uma classe sexual em oposição à classe do ser humano, e algumas assimetrias de sentido nos mostram este conceito. Esta desigualdade básica (homem = ser humano, mulher = objeto sexual) é óbvia na interessante mudança de significado que ocorre com uma série de palavras, que, quando usadas em relação às mulheres, têm sentido sexual; quando aplicadas aos homens, não.

Observamos os seguintes exemplos:

— Não permitirei que meu filho se case com uma **vagabunda** (= prostituta).

— Não permitirei que minha filha se case com um **vagabundo** (= homem que leva vida errante).

Na segunda frase as objeções ao casamento são de ordem puramente financeira e social, nunca sexual. Se fosse necessário fazer uma objeção de ordem sexual usaríamos as lexias: **homossexual, veado ou bicha**. Já na primeira frase, a objeção é exclusivamente de ordem sexual e esta frase significa: **Não permitirei que meu filho se case com uma mulher de má reputação, uma piranha**.

O mesmo acontece com a lexia **inocente**. Quando usada para o homem, significa "aquele que não tem culpa", ou seja, "o que não praticou um crime" e, por extensão, pode significar, ainda, "imbecil, "idiota". Entretanto a mesma palavra usada em relação à mulher significa também "aquela que é pura, casta", aquela que não teve relações sexuais. Então inocente equivale a virgem.

Outro exemplo marcante da desigualdade de valores atribuídos ao homem e à mulher pode ser encontrado na análise destas duas lexias:

O verbete **homem** no **Novo dicionário da língua portuguesa**, entre outras, apresenta as seguintes definições:

Homem

1 – qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que apresenta maior grau de complexidade na escala evolutiva; o ser humano;

2 – a espécie humana, a humanidade;

3 – ser humano, com sua dualidade de corpo e espírito...;

4 – ser humano do sexo masculino.

A palavra **homem** aparece ainda nas expressões:

1 – homem da rua – homem do povo

2 – homem de bem – indivíduo honesto

3 – homem de ação – indivíduo enérgico

4 – homem de Deus – homem santo, piedoso

5 – homem de letras – intelectual, literato

6 – homem do povo – indivíduo considerado como representativo dos interesses e opiniões do homem comum

7 – homem público – indivíduo que se consagra à vida pública.

O verbete **mulher** apresenta as seguintes definições:

Mulher

1 – pessoa do sexo feminino, após a puberdade;

2 – esposa.

A palavra **mulher** aparece ainda nas expressões:

1 – mulher à toa – meretriz

2 – mulher da rua – meretriz

3 – mulher da vida – meretriz

4 – mulher pública – meretriz

5 – mulher perdida – meretriz

6 – mulher de César – mulher de reputação inatacável

Estes verbetes nos mostram que:

1º) o homem é homem desde o seu nascimento; entretanto, a mulher só é mulher depois da puberdade;

2º) todas as expressões que têm por núcleo a palavra **homem** (o **Novo dicionário da língua portuguesa** registra 19) possuem semas positivos, mas das expressões que têm por núcleo a palavra **mulher** (que no **Novo dicionário da língua portuguesa** são 19), 17 têm semas relacionados com a atividade sexual e são negativas;

3º) há assimetria de sentido nas expressões onde aparecem palavras **homem** e **mulher**. Um mesmo par tem significação positiva e social quando a palavra central é **homem**, e significação negativa e sexual quando é **mulher** (cf. homem da rua = homem do povo; mulher da rua = meretriz; homem público = indivíduo que se consagra à vida pública, mulher pública = meretriz). Uma exceção é **mulher de César**, que, embora tenha por núcleo a palavra **mulher**, não traz conotação sexual depreciativa, em face da dependência feminina que o sentido da expressão comporta.

Enquanto a lexia **homem** se refere simplesmente ao ser humano do sexo masculino ou à humanidade, a lexia **mulher** traz em si conotações negativas (prostituta, amante) e, por isso, em certos contextos, é eufemenizada.

Duplo valor

Outra forma pela qual a mulher é privada de seu status de ser humano é através de um julgamento prévio de sua conduta sexual e de regras comportamentais que a diferenciam do homem, tanto naquele campo quanto no social. Há na realidade duas morais sexuais: uma permissiva para ele, outra restritiva para ela. Ao sexo masculino a poligamia é permitida, dizemos até que **O homem é um animal polígamo por natureza** (a palavra *homem* aqui não é usada em seu sentido genérico, pois a mulher que entrar neste conceito está condenada a ser marginalizada), e há até o dito popular "Um homem com muitas mulheres, poligamia; uma mulher com muitos homens, poliandria; e um homem com uma mulher, monotonia". Entretanto, ao lado da permissividade sexual para o homem, encontramos a total proibição para a mulher que pratica a poliandria.

Há em português uma série de termos usados para designar aquela que tem relações extraconjugais. Além do termo *amante*, temos: *amásia*, *amiga*, *a outra*, *a mulher*, *a concubina*, etc. Todos esses termos colocam a mulher em uma situação de marginalizada, porque entre nós ela só pode ser identificada através do homem a que pertence, ou seja, o marido. Quando resolve rebelar-se contra o seu dono e sair à procura de outro, a sociedade não perdoa e a classifica de *puta*, *vagabunda*, *piranha*, *mulher de muitos homens*, *Maria Batalhão*, *atalaia jurubeba*, etc., ao passo que ele é simplesmente *desonesto*, *insatisfeito*, *sem-vergonha*, *mulherengo*.

Outro não-paralelismo, que se encontra intimamente relacionado com as ligações extramatrimoniais, pode ser encontrado nas denominações usadas para o *homem traído* e a *mulher traída*; esta pode ser chamada de *corneada*, *chifruda*, mas sempre será a *coitadinha que foi enganada* porque *todo marido é assim mesmo* e por isto a *mulher tem de fazer vista grossa* a certas coisas, *fingir que não sabe*.

Para o homem o fato não é assim tão insignificante. Ele será visto como um corno, ou seja, aquele que foi *corneado*.¹ A situação para ele é humilhante. Primeiro, porque a sua masculinidade foi ofendida no que lhe é mais raro, sua honra; segundo, porque a sua

posição torna-se passiva (cf. *Ele foi corneado*, *Ele foi passado para trás*). Assim, ele deve tomar uma atitude para lavar sua honra.

O ponto culminante da ideologia do duplo valor é encontrado no conceito de virgindade. Embora possamos atribuir ao homem e à mulher o predicado *virgem*, os falantes do português raramente o atribuem ao sexo masculino. *Virgem* é um atributo tipicamente feminino. Se alguém ouve dizer uma frase do tipo: *Altair é virgem* presume que o sujeito do enunciado é uma mulher, conquanto também pudesse ser um homem, pois *Altair* é tanto um nome masculino quanto feminino.

Há ainda *lexias* que nos mostram que a virgindade é uma característica puramente feminina. Um exemplo é *senhorita*, pessoa do sexo feminino que é *virgem*, que não tem correspondente semântico. Também não há expressões para designar o início da vida sexual dos homens. O mesmo não acontece com as mulheres e as palavras usadas dentro deste campo semântico têm conotação negativa: *perder a honra*, *perder a inocência*, *perder a pureza*, *dar um mau passo*, *ser maculada*. Qualquer uma destas expressões, com sujeito masculino, transformar-se-ia em uma boa piada.

A moral do duplo valor ultrapassa o campo sexual e estende-se também ao campo social. Basta a mulher comportar-se mais espontaneamente que a sociedade já a marginaliza. A ela não é permitido falar alto na rua, encontrar-se em botequins, freqüentar certos locais sozinha, dirigir-se a qualquer homem ou convidá-lo para sair ou dançar, pois logo ouvirá frases do tipo: *Se fosse uma mulher honesta, não faria isto*.

Há ainda outras sanções impostas ao segundo sexo. Se um homem mais velho casa-se com uma mulher que tem idade de ser sua filha, é um *galã*; mas tratando-se de uma mulher com um homem mais moço um ou dois anos, é chamada de *tesouro da juventude*. Se uma pessoa, dirigindo um automóvel, dá uma fechada ou comete uma infração, a primeira frase que se ouve é: *Só pode ser mulher*.

Infância — Aprendendo a ser dependente

Desde a infância a mulher começa a aprender a ser dependente. É nesse período que ensinamos ao ser humano qual é o seu papel sexual e social. Como é facilmente observável, a educação dada aos meninos é diferente da das meninas, pois ambos são preparados para terem comportamento tanto social quanto sexual distintos. Os meninos são educados para se tornarem seres adultos, homens (cf. *Dos meninos se fazem os homens*), enquanto que as meninas são educadas para se tornarem moças/mocinhas, jamais mulheres. Os agentes socializadores não falam para os meninos: **Comporte-se como um senhor, como um donzelo, como um senhorito**, mas sim, **comporte-se como um homem**; porém o mesmo não ocorre com as meninas. O falante do português não usa para o sexo feminino o enunciado paralelo — **comporte-se como uma mulher**; ele substitui por: **comporte-se como uma moça/mocinha**. O uso do termo **moça** no lugar de **mulher** é bastante significativo. O primeiro representa uma idéia de feminilidade, ou seja, a falta de experiência sexual (cf. *Ela já não é mais moça*, onde a palavra **moça** equivale a **virgem**). Não usamos **mulher**, neste contexto específico, tem uma significação marcante porque ela forma par semântico com **homem**. São, pois, palavras paralelas e o não estabelecimento deste paralelismo revela que há algo errado em ser mulher. Isto ocorre porque **mulher** tem conotações depreciativas, pode equivaler a **vagabunda, prostituta**. Sendo assim, esta lexia nunca poderia fazer parte de uma expressão de advertência corretiva.

Depois que as crianças ultrapassam a idade das **gracinhas da família, os amores de papai e mamãe, os mimos da casa**, o menino passa a ser considerado **o homem da casa**, e a menina é vista como **a princesinha do lar/casa, a boneca de papai e mamãe** e sempre dependente do irmão (homem) mesmo que este seja um pouco mais novo. É comum que os pais, ao saírem, digam frases do tipo: **João, tome conta da casa e de sua irmã, porque você é o homem da casa**.

A menina descobre desde cedo que não são as mulheres e sim os homens os senhores do mundo. A hierarquia dos sexos apresenta-se a ela primeiramente em seu ambiente familiar; ela compreende

de pouco a pouco que se a autoridade do pai não é a que se manifesta com mais freqüência, é no entanto mais forte do que a da mãe. Nas horas mais importantes é o nome do pai que aparece (cf. *Joãozinho, se não ficar quieto, vou contar a seu pai; Não adianta insistir, você sabe que seu pai não vai deixar; Seu pai não gosta que você chegue tarde*).

Esta dependência do pai será depois substituída pela do marido. Isto ocorre porque o **homenzinho** torna-se o **homem da casa**, enquanto a mulher jamais passará de **boneca e princesa do lar**, quando muito subirá somente na hierarquia lingüística, deixando o lugar de **princesa** para as filhas e passando a ser a **rainha do lar**.

Mulher, propriedade do homem. Título, nome, forma de tratamento

A identidade da mulher é dada através do homem com quem está relacionada. Não lhe é permitido ter autonomia devido ao rígido papel que a sociedade lhe atribui, ou seja, ser a outra metade do homem, seu parceiro sexual, e reprodutora da espécie. Para a nossa cultura ela nasceu para ser esposa e mãe, sendo que, hodiernamente, numa tentativa de libertação, a mulher lançou-se à vida profissional, mas mesmo assim qualquer referência feita ao sexo feminino continua envolvendo o nome do homem ao qual se encontra ligada. Se casada, seu nome estará unido ao do marido; se solteira, ao do pai. Um exemplo de uso comum é o emprego da lexia **senhora**, acompanhada do nome e sobrenome do marido (cf. *Sra. Paulo Reis*).

A dependência que liga a mulher ao homem não termina nem mesmo quando este morre. Na viuvez, tanto ele quanto ela encontra-se no mesmo estado, ambos se caracterizam pelo fato de terem perdido o respectivo parceiro. Mas, mesmo depois de morto, o homem continua impondo à mulher a sua soberania, pelo menos no campo lingüístico. É comum referirmo-nos a ela como a **viúva de X**, e só em situações muito raras nós o mencionamos como sendo o **viúvo de fulana**, pois o homem é identificado por seu próprio nome ou por sua atividade profissional, tanto é que há uma abreviatura oficial para **viúva (Vª)** que não tem correspondente masculino, porque **viúvo** não é considerado título.

Solteira — A luta pela independência

A mulher, desde a infância, é socializada para tornar-se dependente. Para integrar a sociedade é necessário que se case.

Uma mulher tem dificuldade quando opta por viver sozinha. A ela não é permitido ficar solteira, pois é logo assediada com pedidos de explicação do tipo: *Como é que você tão bonitinha ainda não se casou?* ou ainda está sujeita a ouvir comentários como: *Este tipo de vida é ilusão, o que toda mulher normal deseja é um lar, marido e filhos; Isso tudo é muito bonito enquanto você é moça, mas daqui a algum tempo...; Você já pensou no que é ficar para titia?* Além disso, o sujeito da expressão *estar na idade de casar* na maioria das vezes vem marcado pelo traço [+ feminino], o que mostra como a idéia de casamento absorve a vida de uma jovem. A sociedade, entretanto, é mais benevolente com os homens. A eles é permitido casar em qualquer época. Enquanto as mulheres passam por uma idade de *esperar marido*, os homens simplesmente são, ou não, casados. Logo, o solteirão é alguém que escolheu não se casar. O termo não dá outra informação sobre o indivíduo, a não ser que ele deve ter uma boa vida. Para a nossa cultura o fato de ser solteirão só é motivo de inveja, pois ele é aquele que tem a vida que quer, que não se amarrou a ninguém, é um homem livre, que pode ter o comportamento que deseja sem sofrer nenhuma crítica maliciosa. Todavia, solteirona é uma mulher passada, sem nenhuma utilidade. Ela não é solteira por sua escolha e sim porque, aparentemente, não teve outra alternativa. O não paralelismo entre a posição do solteirão e da solteirona encontra-se marcado na estrutura da língua pela expressão *ficar para titia*, cujo correspondente masculino não existe.

Através da análise das palavras usadas em referência a pessoas solteiras, solteirão e solteirona, podemos ver como a sociedade discrimina aquela que não foi escolhida. Essas duas lexias são palavras neutras, na medida em que designam indivíduos maduros, ou velhos, que não se casaram. Entretanto, solteirona tem conotação depreciativa, mulher que está sobrando, e o uso metafórico desta palavra é bastante relevante. Quando uma mulher é chata, frustrada, ou vive perturbando o juízo dos outros, é comum nos referirmos a ela qualificando-a de solteirona (cf. *Ela parece uma soltei-*

rona, está sempre enchendo o saco; Pare de agir como uma solteirona). Não raro usamos esta expressão para os homens (cf. *Pedro está igual a uma solteirona*).

Casamento: Realização de dependência

Há também uma assimetria de sentido entre as palavras usadas com referência aos parceiros dentro do casamento. Essa desigualdade revela o que a instituição do casamento representa para ambos.

A denominação oficial dada ao homem e à mulher é respectivamente *marido* ou *cônjuge marido*, *mulher* ou *cônjuge mulher*, e ambos são os cônjuges. Entretanto a palavra *cônjuge* não é empregada coloquialmente. O seu uso é restrito ao jargão dos advogados. As formas encontradas são *marido* e *mulher*. Porém, esses termos são assimétricos. Os falantes do português que empregam *marido* não usam necessariamente a palavra *mulher*. Tal fato ocorre porque *mulher* tem outra significação: a de *mulher* = fêmea, prostituta. Por esse motivo, tal lexia, em referência ao cônjuge feminino, é comumente enfeminizada por *esposa*, *senhora*, *dona*, *cara-metade* e pelo uso do primeiro nome da esposa. O falante, quando emprega *esposa*, quer indicar que a mulher em questão não é apenas a *mulher de X*, ela é algo mais, é também sua esposa. Entretanto, atualmente há na língua uma tendência de, na fala culta, substituir-se o uso de *senhora* por *mulher*.

Há, no entanto, um ato social em que ela continua aparentemente sendo *mulher*. É na tradicional cerimônia do casamento, quando o juiz, ou o padre, pronuncia a oficialização do matrimônio: *Eu vos declaro marido e mulher*. A posição dela deveria continuar a mesma, pois pelo menos lingüisticamente, antes de se casar ela era *mulher* e como tal permanece. Porém o mesmo não acontece com o homem; ele deixa de ser *homem* para tornar-se *marido*. Esta mudança do *homem* para *marido* e a não modificação lingüística de *mulher*, verifica-se somente a nível superficial. De acordo com as conotações dadas à palavra *mulher* (cf. *livre*, *prostituta*, etc.) fica claro que aquela que se casa não poderá se comportar como tal. Esta permanência da lexia *mulher* na oficialização do casamento pode ser relacionado a dois fatores. Um deles

seria que a não mudança lingüística deve-se ao fato de continuar a mulher na mesma situação de dependência; quando solteira, esta-va ligada ao pai; depois de casada, vê-se ligada ao marido. O outro encontra-se associado à crença de que a mulher solteira não tem iniciação sexual, e por isto muitos diferem **moça** de **mulher**. **Moça** é aquela que não se iniciou sexualmente, enquanto que **mulher** é a que já teve experiência neste campo. Como a iniciação da mulher só é permitida a partir do casamento, na oficialização deste ato ela deixa de ser **moça** para tornar-se **mulher**.

VALORES DO HOMEM EM RELAÇÃO À MULHER E VICE-VERSA

Machismo

Sabemos que as mulheres, como todo ser humano, têm qualidades negativas e positivas. Mas parece que as qualidades ditas positivas, no sexo feminino, não são aquelas que a sociedade releva. Assim, a imagem que a sociedade e a própria mulher fazem de si não é das mais agradáveis. Mulheres são inferiores aos homens, e nosso léxico, através de expressões e ditos populares, revela claramente este conceito (cf. "Homem de palha vale mais do que mulher de ouro", "As mais belas cabeças raras vezes são das mulheres").

O uso metafórico das lexias **homem** e **mulher** confirma o conceito de que o sexo feminino é inferior. Quando o núcleo da metáfora é a palavra **homem**, a expressão tem conotação positivas; ao contrário, quando é **mulher**. Enquanto **agir como homem** significa **agir com bravura, ser valente, corajoso**; **agir como mulher** é **ser covarde, maricas, frágil**, etc. Temos ainda a expressão: **seja homem** (usada tanto em relação ao sexo masculino quanto ao feminino) que significa: **assuma as suas decisões**; a expressão paralela **seja mulher** não tem o mesmo significado, porque, em princípio, na nossa sociedade, só aos homens é permitido tomar decisões. **Banc**ar o **homem** também é usado em relação a ambos os sexos e tem conotações positivas, significa: **tomar atitude de homem**. Já a ex-

pressão paralela **bancar a mulher/mulherzinha** dita para os homens é insultante.

A diferença de valores existentes entre os dois sexos pode ser observada ainda nas palavras **macho** e **fêmea**. **Macho** tem conotações que permitem o seu uso metafórico como em: **ele foi macho pra burro** ou **ele agiu como macho**, expressões que equivalem a **ele agiu corajosamente**. Esta palavra, transcendendo o domínio da língua portuguesa, é usada quase que universalmente para designar aquele que exagera o seu papel, ou seja, aquele que é **dominador, valente, agressivo**. Porém, em português, hodiernamente este termo vem adquirindo outro sentido. Aquele que se diz **macho** é tido como **otário, ridículo, babaca, bobão**. No nosso léxico encontramos ainda **supermacho**, usado em relação ao homem que exagera o seu papel sexual. Já a palavra **fêmea** é empregada quase que exclusivamente pelos homens quando desejam enfatizar o aspecto sexual de uma mulher.

CONCLUSÃO

As relações lingüísticas revelam igualdade e desigualdade no mundo social. Conseqüentemente podemos constatar que o léxico da língua portuguesa está impregnado de distinções sexuais. Mudanças sociais acarretam mudanças lingüísticas, e não vice-versa. "But it should be recognized that social change creates language change not the reverse". Em qualquer movimento social, quando alterações são feitas, a língua, mais cedo ou mais tarde, refletirá o fenômeno. Logo, é razoável admitir que a língua espelha de algum modo a posição e a situação de alguém na sociedade e a maneira como cada qual percebe o seu papel.

Todas as palavras e expressões analisadas produzem o mesmo efeito, refletem o mesmo fenômeno — que é a colocação da mulher no papel de **dominada**, de **segundo sexo**. Esta é a visão que temos da mulher carioca na década de 70. Mudanças sociais poderão acarretar alterações lingüísticas, mormente em virtude da libertação sexual da presente geração, alterações que ainda não podem ser detectadas por serem mais lentas que as sociais.

BIBLIOGRAFIA

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.
- LAKOFF, Robin, "Language and Woman's Place", in *Language in society*, 2(1): 45-80, april, 1973.
- SAINT-JACQUES, Bernard, "Sex, Dependence and Language", in *La linguistique*, 9(1): 89-96, 1973.
- SCHULZ, Muriel R., "The Semantic Derogation of Women", in THORNE, Barrie & HENLEY, Nancy, eds. *Language and sex: difference and dominance*. Rowley, Mass, Newbury House, 1975. p.64-75.
- STUDART, Heloneida, *Mulher, objeto de cama e mesa*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- SUARDIAZ, Delia E., "Sexism in the Spanish language", University of Washington, *Studies in linguistic and language learning*. Vol. XI, 1973. (Datilografado.)
- THORNE, Barrie & HENLEY, Nancy, "Difference and Dominance. An Overview of Language, Gender and Society", in *Language and sex difference and dominance*. Rowley, Mass, Newbury House, 1975. p.205-311.,